

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Revista Brasileira Class.: 011-Quarup/Visitas
 Data: 19/08/85 Pg.: 75

Brancos descobrem "verdadeiro tesouro cultural"

O Quarup emocionou e mostrou como o índio é puro e precisa de espaço para pescar e caçar



O ritual atrasou devido à demora das autoridades, porém não tirou o espírito da festa: o que parecia ser triste, transformou-se no maior acontecimento cultural do ano

ADEMAR SHIRAISHI
 Da Editoria de Economia

"Um tesouro cultural". Foram as palavras encontradas ontem pelo ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, para definir, na aldeia Yawalapiti, a bela festa — Quarup — com que os índios do Xingu homenagearam este ano seus mortos de linhagem. Além dele, assistiram ao ritual os ministros Aluisio Pimenta, da Cultura, e Almir Pazzianotto, do Trabalho e mais de cem outros brancos, entre jornalistas, sertanistas e curiosos.

"Eles estão vendo que o índio é puro e precisa de espaço para pescar e caçar", comentou o índio Megaron, diretor do Parque do Xingu, considerando a presença das autoridades "muito boa para nosso povo e nossa terra". Os ministros — observou o sertanista Olímpio Serra — receberam tratamento de "status alto". Ele explicou que a deferência significava que ao vir a Brasília os índios queriam ser tratados da mesma forma e "não como meninos pidiões".

Orlando Villas Boas, sertanista que conviveu mais de 30 anos com os índios do Xingu e há oito não via a festa do Quarup, disse que o cerimonial não sofreu modificações ao longo do tempo e declarou que "o Parque é um testemunho para o futuro do que foi o Brasil do descobrimento". Acrescentou, entretanto, que a presença das autoridades, que chegaram ao Xingu por volta das 8h atrasou o ritual, normalmente iniciado ao nascer do sol.

Aluisio Pimenta foi o único ministro que participou de toda a festa. Ele chegou na véspera à aldeia Yawalapiti. Se declarou "muito emocionado" e destacou o "belíssimo espetáculo de brasilidade" do Quarup.

Nas conversas paralelas, enquanto o ritual prosseguia, também se falou na participação dos índios na Assembleia Nacional Constituinte. O Ministro do Trabalho disse que não tinha opinião formada a respeito, embora "a princípio" não seja contra. "Depende do ingresso do índio no mundo político partidário", explicou, lembrando o exemplo do cacique Mário Juruna, xavante eleito deputado federal pelo PDT/RJ.

Costa Couto, entretanto, apoiou prontamente e o ministro Aluisio Pimenta foi além, defendendo que as terras indígenas sejam definidas na nova Constituição. Ainda sobre a questão das demarcações, Villas Boas passou boa parte do tempo falando para Raoni das dificuldades e morosidade desse trabalho. Na sua opinião, será preciso pelo menos 30 anos para demarcar as terras indígenas, tese que o diretor do Departamento do Patrimônio Indígena da Funai, Aureo Faleiros, contesta.

A crítica mais forte ao sertanista Orlando Villas Boas ficou por conta de Olímpio Serra. "Ele é um fracasso em matéria indigenista, porque está dentro desse espírito de colonialismo interno: olha os índios como futuros não índios — virando branco ou morrendo — ou como crianças incapazes". Serra também não poupou a Funai: "É uma agência colonialista, inviável, fruto da ditadura. Temos que construir uma nova agência, ue trate os índios com justiça. Basta isto".

O ministro Almir Pazzianotto, máquina na mão, se misturou aos fotógrafos, após definir como "muito tocante" a homenagem de um índio que batizará o filho com seu nome. Atento a todos os movimentos, disse durante a luta huka-huka — ponto alto da festa — que "se tivesse condições físicas até participava". Pazzianotto levou dois filhos, a exemplo de Costa Couto, acompanhado de Juliano, de nove anos. O garoto se manifestou surpreso com a alegria do Quarup. "Eu imaginava que fosse triste", revelou, sentado com o pai em frente aos troncos enfeitados que simbolizavam os mortos. E que o ritual, apesar das lamentações e choros pelos parentes falecidos, marca o fim do período de luto. "Eram homenageados dois sobrinhos do pajé dos Kamaturá, Takumá, e a filha do cacique Arítana (novamente campeão de huka-huka que morreu com apenas dois meses). Os dois primeiros foram vítimas de intoxicação, tendo morrido aos 16 (Maraukapá) e 17 (Menhu) anos. Eles eram representados por três troncos de madeira, mas havia outros três lembrando os demais antepassados".

CONFLITO

"Eu não tenho medo de guerra não", respondeu o cacique Raoni, ao ser indagado por Costa Couto se estava temeroso de um conflito direto com os fazendeiros que tiveram uma faixa de terra de 15 quilômetros desapropriada no Governo passado e ainda não foram indenizados. O cacique pediu providências ao ministro e foi informado de que Cr\$ 14 bilhões deverão ser depositados na Justiça — porque os antigos proprietários contestam o valor estipulado pelo Incra — até o fim do mês.

Demarcação é prioridade

A demarcação das terras indígenas foi tema constante nas conversas entre ministros e caciques. Costa Couto frisou que a Nova República trata o assunto com prioridade e já está definido um total de áreas superior a 6 milhões de hectares. "Até do ponto de vista da segurança nacional é preciso preservar as terras indígenas", acrescentou Aluisio Pimenta.

O problema foi a volta. Não pelo volume dos presentes, mas por haver branco demais para avião de menos. Os jornalistas que precisavam estar cedo em Brasília viram seus lugares tomados por caronhas que durante toda a semana se deslocavam para o Xingu nos aviões da Funai mobilizados na organização da festa. O deputado Mário Juruna chegou a ameaçar descer do avião, ao ouvir reclamações de seus companheiros de viagem por causa de um fotógrafo que não embarcava por falta de lugar.

A invasão de brancos só não causou transtornos na aldeia Yawalapiti. Lá, os índios administraram com habilidade a chegada dos penetras. Duas casas sem teto foram construídas para os convidados, que acabaram indo dormir nas outras, com cobertura. Quem esqueceu de levar rede, obteve uma emprestada. E na hora da luta huka-huka, com o pátio tomado por brancos, eles fizeram tudo como se estivessem sozinhos. Nem se importaram quando alguns desavisados subiram nos lugares de honra em busca de melhor visão.

O ministro Almir Pazzianotto presenteou os índios com material de pescaria, enquanto Aluisio Pimenta preferiu dar missangas, teclas, avaladas, no total, em Cr\$ 6 milhões, e Costa Couto pacotes fechados, que os índios não abriram e assessores do ministro disseram que tinham sido preparados pelo cerimonial do Palácio do Planalto. Em troca, ganharam arcos, flechas, cocás, colares, enfeites de pena e muitas outras coisas.

O problema foi a volta. Não pelo volume dos presentes, mas por haver branco demais para avião de menos. Os jornalistas que precisavam estar cedo em Brasília viram seus lugares tomados por caronhas que durante toda a semana se deslocavam para o Xingu nos aviões da Funai mobilizados na organização da festa. O deputado Mário Juruna chegou a ameaçar descer do avião, ao ouvir reclamações de seus companheiros de viagem por causa de um fotógrafo que não embarcava por falta de lugar.

A invasão de brancos só não causou transtornos na aldeia Yawalapiti. Lá, os índios administraram com habilidade a chegada dos penetras. Duas casas sem teto foram construídas para os convidados, que acabaram indo dormir nas outras, com cobertura. Quem esqueceu de levar rede, obteve uma emprestada. E na hora da luta huka-huka, com o pátio tomado por brancos, eles fizeram tudo como se estivessem sozinhos. Nem se importaram quando alguns desavisados subiram nos lugares de honra em busca de melhor visão.

O ministro Almir Pazzianotto presenteou os índios com material de pescaria, enquanto Aluisio Pimenta preferiu dar missangas, teclas, avaladas, no total, em Cr\$ 6 milhões, e Costa Couto pacotes fechados, que os índios não abriram e assessores do ministro disseram que tinham sido preparados pelo cerimonial do Palácio do Planalto. Em troca, ganharam arcos, flechas, cocás, colares, enfeites de pena e muitas outras coisas.